

Langoni vê riscos de crise cambial ou fiscal

por Vera Saavedra Durão
do Rio

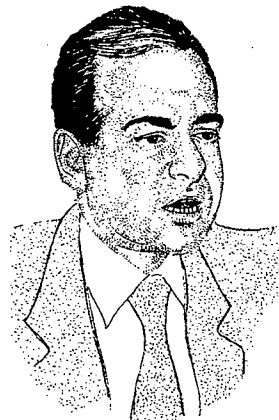
O economista e ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, não descarta o risco de crise cambial ou fiscal no Brasil no médio prazo. Prevê descontrole da economia, caso o governo não tenha a destreza necessária para conduzir com sintonia fina o atual processo de transição, ainda delicado, "atravessando o fio da navalha sem se machucar". Langoni é diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que vai promover, no dia 19 de dezembro, o seminário "Cenários da Economia Brasileira para 1997", no hotel Maksoud Plaza.

"SEM CASUÍSMOS"

O economista sugere o ajuste fiscal, "sem casuísmos" como receita para superar os desequilíbrios das contas externas e públicas. "Se Fernando Henrique anunciasse a reforma fiscal, os juros desabariam 50% imediatamente", diz. Na sua avaliação, a medida viabilizaria o "cenário de sonhos" de qualquer economista: permitiria o País voltar a crescer à taxa sustentável de 7%, com as exportações dobrando e importações expandindo-se entre 18% a 20%. "Assim estaria eliminado



Carlos Geraldo Langoni



Joel Korn

o nó externo que dificulta o crescimento econômico."

Mas a probabilidade deste cenário não ultrapassa os 20%, calcula Langoni. Para ele, o cenário mais provável é a continuidade do processo de transição para a estabilidade econômica. Um quadro de crescimento medíocre entre 3% a 4%, déficits operacionais na casa dos 4% do Produto Interno Bruto (PIB) e contas externas vulneráveis. Nas projeções de Langoni, o economista diz o processo de transição para a estabilidade só se concretiza quando atingir uma inflação anual de 5% ao ano, "sem repiques", para não afetar as expectativas.

Suas estimativas para o déficit comercial, no ano que vem, oscilam entre US\$ 5 a US\$ 6 bilhões. Já para o déficit de conta corrente o percentual se-

ria de 3,5% a 4% do PIB (US\$ 23 a US\$ 25 bilhões). O que é considerado por Langoni financiável em 30% com capitais de longo prazo.

Em 1997, o Brasil deverá receber US\$ 12 bilhões em investimentos diretos, US\$ 4 bilhões a mais que este ano. A previsão é do presidente do Bank of America, Joel Korn, que também participa do seminário. Para Korn, estas novas in-

versões que aterrisarão no País darão o fôlego necessário ao governo para monitorar o desequilíbrio das contas externas, "gerando um clima de maior conforto para os investidores estrangeiros".

CÂMBIO SOB CONTROLE

Ao projetar o comportamento da economia para 1997, Korn não prevê nenhum descontrole cambial decorrente de problemas com a balança comercial brasileira, alvo da preocupação do mercado financeiro nos últimos dias. Pelos cálculos do banqueiro, pelo menos 50% do déficit em conta corrente do País, em 1997, que estima em US\$ 25 bilhões, poderão ser financiados com o novo fluxo de investimentos.

"O que será considerado muito saudável pela comunidade internacional". Mas, destaca

que o saldo negativo em conta corrente do Brasil, no ano que vem, vai corresponder à metade do valor estimado deste déficit para toda a América Latina.

Nos cenários de Joel Korn, toda ênfase da política econô-

mica de 1997 deve ser dada à política fiscal. A campanha da reeleição e a proximidade das eleições presidenciais, previstas para 1998, devem estimular o governo a avançar no ajuste fiscal, "o calcanhar de Aquiles

do Real". Este ano, o governo anunciou uma série de medidas para conter os gastos públicos. As expectativas dos investidores quanto ao cumprimento destas medidas é grande, segundo Joel Korn.